

Saúde vive estado caótico no Rio

Rio — Em meio a denúncias de corrupção, superfaturamento de remédios e equipamentos em até 520%, carência de três mil médicos e mil leitos hospitalares, o setor de saúde é um caos no Rio de Janeiro.

Para o Sindicato dos Médicos, esta crise é fruto do “favorecimento do setor privado às custas do setor público”, do qual depende a maioria da população, que não tem condições de pagar os valores dos seguros-saúde.

O processo de privatização está marginalizando mais de 70% da população, que não tem onde pagar atendimento médico e invade hospitais públicos.

E não há perspectiva de melhorias. Os cinco principais hospitais e os postos de atendimento médico federais funcionam precariamente ou não funcionam.

No lado estadual, a situação ainda é mais grave.

Segundo Agilberto Calaça, diretor do SinMed, as autoridades “não aplicaram este ano, um centavo na conta da saúde, que deveria, pela Constituição, receber 10% dos recursos orçamentários, e ficou limitado a 1,8%.

“Não é possível viver com o salário de R\$ 200,00 por mês do Souza Aguiar. Continuamos aqui pelo amor à profissão.

Ficamos pelo gosto de trabalhar com profissionais como o dr. Cleber ou o dr. Farid, médicos com 30 anos de emergência de Souza Aguiar, que ganham somente cerca de R\$ 500,00, mas têm muito a ensinar.

Para sobrevivermos, precisamos trabalhar em mais dois ou três empregos.”

Uma frase do dr. Valdir Issa, resume os cuidados do Estado com a saúde: “Pelo salário do médico, só tem uma idéia de quanto vale a vida humana para as autoridades: R\$ 200,00”.

O município, por sua vez, não

fica atrás. Os hospitais municipais enfrentam problemas de toda ordem, principalmente de superlotação. Um exemplo é o Souza Aguiar, principal unidade de emergência do Rio e maior da América Latina.

Lá, uma enfermaria, de 43 leitos, é obrigada a receber 122 pacientes, que ficam jogados em colchonetes, macas, cadeiras e até em pias.

Credibilidade — A diretora Luíza Nahmias Carvalho, responsável pela Divisão Médica, explica que caiu a credibilidade do hospital, que é um dos mais bem aparelhados para atendimentos de urgência do Estado.

Por estar localizado próximo

aos cinco principais terminais rodoviários e ferroviários, atrai grandes massas de pacientes.

O grande número de doentes afeta a qualidade do serviço, já que, nem sempre, há equipes médicas ou leitos disponíveis para o atendimento a politraumatizados, uma das principais especialidades do hospital Souza Aguiar.

Essa é uma das muitas preocupações do médico Valdir Issa, 44 anos, chefe da emergência.

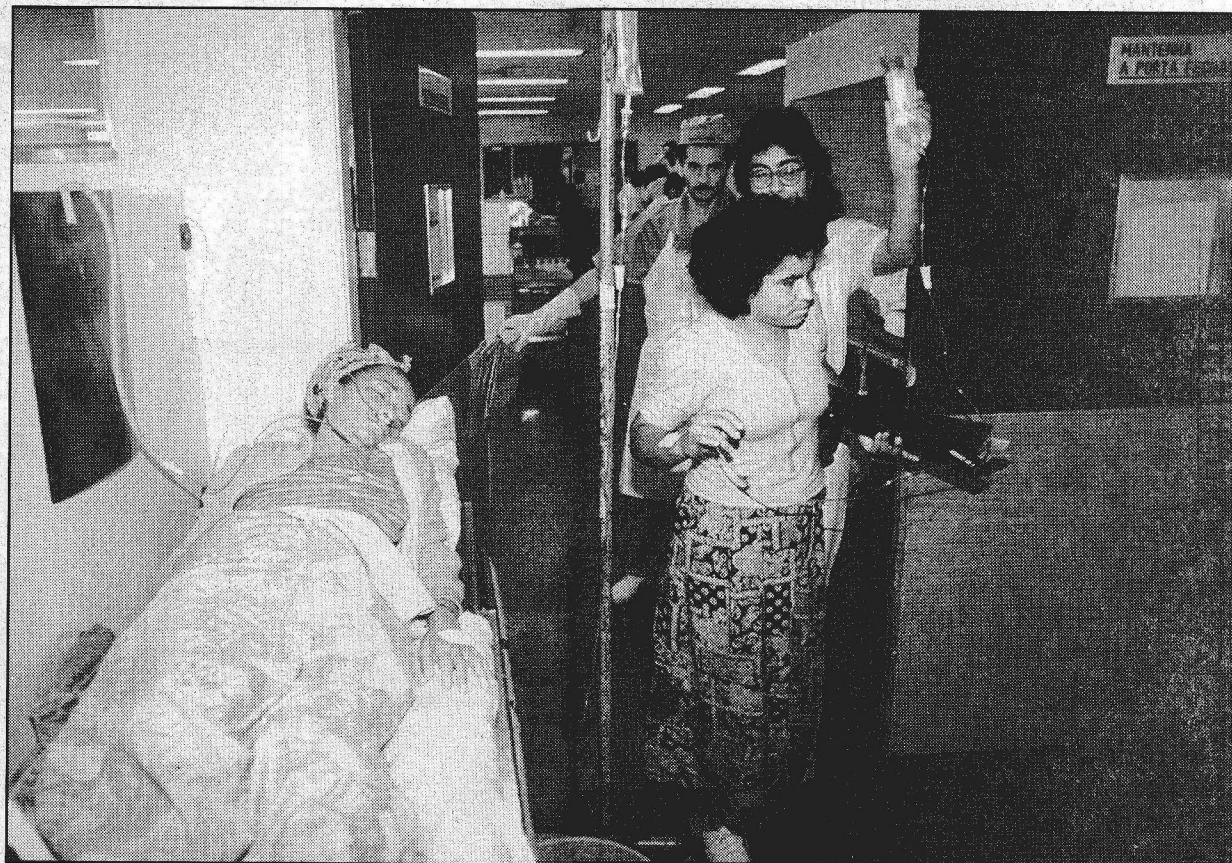
Na quinta-feira, ele deu alta a Angélica Jacutinga Coimbra e a Manoel Rosa da Silva, mas não encontrou hospital de apoio para recebê-los.

Para simplificar, o dr. Issa reclama que o Souza Aguiar está absorvendo doentes de outros hospitais que, por questões administrativas, estão muito deficientes:

“As transferências dos pacientes que possuem convênio-saúde são feitas rapidamente. Mas o trabalho mais sério, as operações de emergência e outros cuidados, são feitos aqui no Souza Aguiar.

Não recebemos nada por isso, nem dos planos de saúde nem das seguradoras que operam com o seguro obrigatório, em casos de acidentes de trânsito.

Temos pacientes crônicos ocupando leitos nas emergências. Poderiam ir para outro hospital.”



A improvisação é completa na hora de atender os milhares de pacientes que acorrem ao Souza Aguiar